

CULTURA

Património deve ir para a Economia

Elísio Summavielle acredita que se o orçamento da DGPC for mexido o património ficará em risco. Ideal seria integrá-lo no ME

Demitiu-se um dia depois de Jorge Barreto Xavier ter tomado posse como secretário de Estado da Cultura, foi substituído por Isabel Cordeiro no dia seguinte, e deu por findas as suas funções como diretor-geral do Património Cultural no dia 7. Elísio Summavielle explica o porquê da sua saída abrupta e deixa vários recados.

"A demissão de Francisco José Viegas de secretário de Estado da Cultura precipitou a minha saída. Acabou uma relação muito estreita e de grande cumplicidade com um SEC que delineou sempre na sua ação o património como eixo central", diz. O "perfil" de Jorge Barreto Xavier não lhe desperta a mesma confiança. "Se for ver a atividade do novo SEC ela tem muito pouco a ver com a minha, com o meu pensamento e o meu posicionamento pessoal face à política cultural". É por isso que os seus "receios" sobre o futuro da Direção-Geral do Património Cultural são muitos. "Os equipamentos culturais dependentes da DGPC e das direções regionais de Cultura estão no limiar de poderem vir a fechar. Qualquer beliscadela no orçamento que foi estabelecido para 2013 (€39,4 milhões) põe em risco as garantias mínimas de segurança, vigilância e limpeza que os equipamentos precisam para funcionar. E não é de todo tempo para delírios, espantosos e festas... Tenho receio de que o orçamento seja beliscado por interesses corporativos. E aí sinto uma certa nostalgia de um carrilhismo serôdio e passadista."

Fala do que tem vindo a público na imprensa, das opções claras de Barreto Xavier em contribuir com muito mais dinheiro do que o anteriormente previsto para o apoio às artes. "O problema da classe política é estar sempre mais interessada em inaugurações, banquetes e palcos, do que no trabalho invisível do património." É para a classe no seu conjunto e para o SEC em particular que deixa uma mensagem: "Queiram ter consciência de que há milhões em Bruxelas a que Portugal não tem acesso porque não está lá ninguém a tratar disso. São financiamentos que ultrapassam os que a SEC dá nos concursos de apoio às artes."

Mas há mais alertas para que que Elísio Summavielle chama a atenção. Um em particular: "Ponham-me na Economia!" A frase significa que o património cultural é economia e que deveria constituir uma secretaria de Estado autónoma dentro do ME. "O património não é um ónus que temos de carregar às costas. Não, o património é o futuro. E pensá-lo como futuro só é possível no quadro da economia e, mais, no quadro político de uma estratégia nacional. É preciso pensar no património como objetivo estratégico, como investimento."

A construção civil — "o sector maior da nossa indústria" — serve-lhe de exemplo. "Porque não canalizá-lo para a reabilitação urbana. São mil milhões de euros para investir, muitos postos de trabalho para criar e toda uma economia local para reanimar. Pensem nisso um bocadinho!" O recado está dado.

ALEXANDRA CARITA

politica@expresso.imprensa.pt